



Comunicação Oral

CONCEPÇÃO DO ORIENTADOR PEDAGÓGICO SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Lais Agnes da SILVA (UNESP/Câmpus de Presidente Prudente)
lais.aunesp@gmail.com

Renata Portela RINALDI (UNESP/Câmpus de Presidente Prudente)
renata.rinaldi@fct.unesp.br

Agência Financiadora: CNPq

Eixo temático: 3. Formação continuada

RESUMO: Este artigo pretende discutir como o Orientador Pedagógico (OP) do município de Presidente Prudente concebe a língua materna, por meio de quatro conceitos, sendo alfabetização, letramento, texto e linguagem. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa e instrumento utilizado para encontrar respostas às questões apresentadas, foi o questionário. Foi realizado também, um levantamento bibliográfico para compreensão do tema investigado e suas características na contemporaneidade. Foram entrevistados vinte e um OPs e a análise dos resultados aponta que somente um é do gênero masculino, portanto, a função de orientador pedagógico no município é mais exercida por mulheres do que por homens. Além disso, a idade média dos participantes é de 42 anos e todos são iniciantes na função. Os dados mostram que a média de tempo de experiência como docente é de 17 anos. No que diz respeito a formação dos OPs, todos são licenciados em Pedagogia, sendo que dez deles se formaram em instituições públicas e onze em instituições privadas. Além disso, cinco OPs possuem uma segunda graduação, todas em instituições privadas. Onze participantes concluíram algum tipo de especialização, enquanto seis deles estavam com a especialização em andamento. Apesar de todos os participantes trazerem consigo um bom tempo de experiência no magistério, serem licenciados e possuírem uma especialização, suas respostas com relação a como eles compreendem alfabetização, letramento, texto e linguagem, mostram pouca compreensão no que se refere a esses quatro conceitos fundamentais para o ensino da língua materna.



PALAVRAS-CHAVE: Orientador pedagógico. Língua Materna. Alfabetização. Letramento.

INTRODUÇÃO

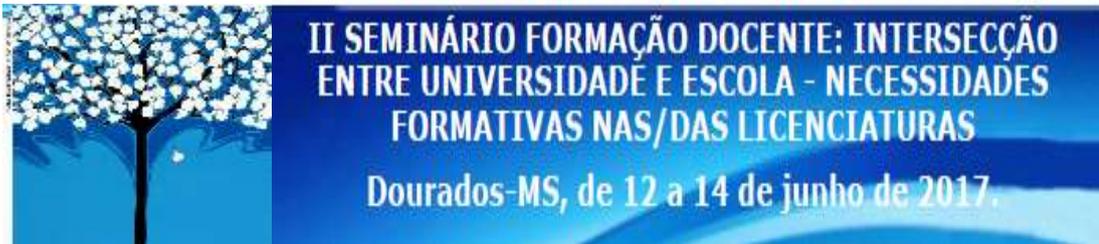
Um dos grandes desafios que reiteradamente a escola enfrenta na atualidade tem sido o fracasso escolar dos estudantes quanto a apropriação da língua materna. Segundo Parisotto (2014, p. 1):

Ser capaz de ler e escrever com proficiência em língua materna é imprescindível para o desenvolvimento de qualquer pessoa inserida em uma cultura letrada. Além disso, o domínio da leitura e da escrita ajuda o sujeito a desenvolver autonomia e a superar barreiras sociais, culturais e econômicas que podem lhe ser impostas ao longo da vida. Nesse sentido, refletir sobre aspectos relacionados à formação docente e ao ensino de língua materna pode contribuir para o encaminhamento de possíveis ações que visem à superação do fracasso escolar.

Nesse ínterim, o papel do orientador pedagógico (OP)¹ no interior da escola ganha destaque, pois ele é compreendido, na literatura educacional, como o responsável tanto pela articulação do trabalho coletivo e mediação do grupo de professores em torno das reflexões sobre a prática, quanto pela promoção da formação continuada dos docentes no interior da escola (GUIMARÃES et al., 1998; ALMEIDA; PLACCO, 2001; 2003; 2006; PLACCO; ALMEIDA, 2008; CUNHA, 2014).

Uma formação que, segundo Cunha e Prado (2008) é coordenada e coproduzida no trabalho coletivo, já que não é uma formação assimétrica, de “alguém que sabe” e que transfere conhecimentos para “quem não sabe”. É uma formação baseada na perspectiva de mutualidade (PACHECO, 1995) que acontece na escola com base na partilha solidária de conhecimentos e saberes.

¹ No município de Presidente Prudente o coordenador pedagógico é chamado de orientador pedagógico, termo no qual utilizaremos nesse trabalho e será representado pela sigla OP.



Nesse contexto, emerge a presente proposta de investigação derivada no interior de uma pesquisa mais ampla (PARISOTTO, 2014), que foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa de *Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior* - FPPEEBS. Buscaremos, então, responder à seguinte questão: como os OPs do município de Presidente Prudente concebem a Língua Materna?

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar como os OPs do município de Presidente Prudente concebem a Língua Materna.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escola é o local do trabalho docente e a organização escolar é o espaço de aprendizagem da profissão, no qual o professor põe em prática suas convicções, seu conhecimento de realidade, sua competência pessoal e profissional, trocando experiências com os colegas e aprendendo mais sobre o seu trabalho. Espera-se que o professor participe ativamente da organização do trabalho escolar, formando com seus pares uma equipe de trabalho, aprendendo novos saberes e competências, assim como um modo de agir coletivo, em favor da formação dos estudantes.

Parisotto (2015) enfatiza que as principais dificuldades que englobam o ensino da língua materna, são: a produção de texto e a ortografia; como ensinar a leitura; heterogeneidade das fases de alfabetização; como corrigir os textos produzidos pela criança e como trabalhar com a oralidade no ensino fundamental I. Para a autora:

Ouvir o professor, trazer à tona as suas dificuldades com relação ao ensino de língua materna pode contribuir para a mudança, para o desvelamento de novas práticas para o ensino de língua materna que certamente demandarão um professor com mais autonomia para planejar as unidades de ensino, escolher materiais didáticos, a fim de poder trabalhar com alfabetização e letramento com prática social (PARISOTTO, 2015, p. 27945-27946).

Nesse sentido, o OP deve atuar como um parceiro do professor para que a prática pedagógica seja transformada. Trabalhando junto com o docente, o OP tem como principal função a assistência didática pedagógica, levando-o a refletir sobre as





“práticas de ensino, auxiliando e construindo novas situações de aprendizagem, capazes de auxiliar os alunos ao longo da sua formação” (MERCADO, 2010, p. 4).

Segundo Parisotto (2015, p. 27936):

O que se observa, de um modo geral, é que o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental encontra-se sem um respaldo teórico-metodológico que norteie a sua prática. Nesse sentido, torna-se reprodutor de conteúdos programáticos desajustados da realidade do aluno, priorizando o estudo da metalinguagem, ou seja, o estudo da nomenclatura gramatical, deixando de propiciar aos seus alunos momentos de uso efetivo da língua materna.

Ao dar subsídio ao professor e promover a reflexão sobre a prática pedagógica docente e dificuldades que ele encontra para desenvolver seu trabalho, o OP estará favorecendo a tomada de consciência do professor sobre sua atuação e o conhecimento sobre o contexto escolar em que ele atua. Pois, como cita Libâneo (2013, p. 180), uma das atribuições do OP é:

Prestar assistência pedagógico-didática direta aos professores, acompanhar e supervisionar suas atividades tais como: desenvolvimento dos planos de ensino, adequação de conteúdos, desenvolvimento de competências metodológicas, práticas avaliativas, gestão da classe, orientação da aprendizagem, diagnósticos de dificuldades etc.

Mendes, Deák e Gomes (2007) ao realizarem uma pesquisa na rede municipal de ensino no município de Presidente Prudente, sobre OP, destacam que:

Cabe ao Coordenador/Orientador Pedagógico participar da gestão do processo pedagógico da escola, atuar na formação contínua dos professores e na articulação entre os interesses dos diversos atores que compõem o cenário escolar. O Coordenador/Orientador Pedagógico pode ser considerado então como um especialista em refletir sobre o trabalho em sala de aula em especial e sobre o trabalho na escola em geral. Sua função pode ser analisada de diversos ângulos, que não estão necessariamente expressos claramente nas disposições legais. Considerando os aspectos administrativos, o Coordenador/Orientador Pedagógico exerce o papel de elo de ligação entre os gestores, a equipe de professores, alunos e pais (MENDES; DEÁK; GOMES, 2007, p. 72)





É possível compreender por meio da literatura apresentada que as atribuições do coordenador pedagógico, no caso do estudo em tela, o OP, apresentam mais aspectos pedagógicos do que administrativos. Libâneo (2013) indaga ainda que, de acordo com estudos recentes sobre formação continuada de professores, o papel do OP é de monitoração sistemática da prática pedagógica dos docentes, sobretudo mediante procedimentos de reflexão e investigação.

Nesse contexto, “assim como o professor é responsável, na sala de aula, pela mediação aluno/conhecimento, a parceria entre coordenador pedagógico [...] e professor concretiza as mediações necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico na escola” (PLACCO, 2002, p.95). Portanto, para que o trabalho pedagógico nesse contexto aconteça é necessário que haja parceria entre seus profissionais, “essa parceria se traduz em um processo formativo contínuo, em que a reflexão e os questionamentos do professor quanto à sua prática pedagógica encontram e se confrontam com os questionamentos e fundamentos teóricos evocados pelo coordenador pedagógico [...], num movimento em que ambos se formam e se transformam” (PLACCO, 2002, p. 95).

METODOLOGIA

A presente investigação teve origem no grupo de pesquisa “Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior” (FPPEBS/UNESP) e se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira (2008, p. 29):

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.





Nesse contexto, esta investigação derivou de uma pesquisa mais ampla a qual chamamos de “Pesquisa Guarda-chuva”, pois a partir dela, os diversos membros do grupo de pesquisa passaram a se dedicar na compreensão de diferentes assuntos, todos, porém, relacionados ao tema macro “Formação de Professores e Práticas de Ensino na Educação Básica e Superior”. Em nosso caso, o tema delimitou-se ao **“ensino da língua materna na ótica do coordenador pedagógico”** e o instrumento utilizado para encontrar respostas às questões-problemas apresentadas, foi o questionário (GIL, 2008).

O instrumento, para a coleta de dados, foi organizado de modo a obter informações sobre o perfil dos participantes, formação acadêmica (inicial e continuada), concepções teóricas e práticas sobre aspectos específicos da língua materna, material didático e sobre o papel do coordenador pedagógico no cotidiano da escola, compreendendo-o como mediador dos processos formativos junto aos professores. Responderam ao instrumento 21 OPs de diferentes escolas.

Além do questionário, foi realizado um levantamento bibliográfico para compreensão do tema investigado e suas características na contemporaneidade. A pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ela dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa e o pesquisador deve ter muito cuidado ao selecionar e analisar os documentos para não comprometer a qualidade da pesquisa com “erros resultantes de dados coletados ou processados de forma equívoca” (FONSECA, 2002, p. 32).

ANÁLISE DE DADOS

Inicialmente, serão apresentados os dados sobre o perfil dos OPs. Posteriormente, discutiremos os resultados a partir da concepção dos entrevistados sobre o ensino da língua materna englobando quatro conceitos basilares desse processo: 1) alfabetização; 2) Letramento; 3) texto; e 4) Linguagem.



Dos vinte e um OPs respondentes, somente um é do gênero masculino, portanto, a função de orientador pedagógico na cidade de Presidente Prudente é exercida majoritariamente por mulheres. Além disso, a idade média dos participantes é de 42 anos de idade e todos são iniciantes na função. Consideramos iniciantes, de acordo com Rinaldi (2009), os profissionais que estão exercendo a função por menos de cinco anos. Nesse sentido, os OPs mais experientes que participaram desta pesquisa, exercem a função há 4 anos, enquanto o menos experiente há 3 meses. Contudo, todos trazem consigo um bom tempo de experiência no campo do magistério. Os dados mostram que a média de tempo de experiência como docente é de 17 anos.

No que diz respeito a formação dos OPs, todos são licenciados em Pedagogia, sendo que 10 deles se formaram em instituições públicas de ensino superior e 11 em instituições privadas. Além disso, 5 OPs possuem uma segunda graduação, todas em instituições privadas. Ainda, 11 participantes concluíram algum tipo de especialização, enquanto 6 deles estavam com a especialização em andamento. Apenas 1 estava com o curso de mestrado em andamento e 3 não responderam à questão sobre ano de conclusão da formação complementar.

Após o mapeamento do perfil dos OP em exercício no município, passamos a discutir as concepções desses profissionais sobre a língua materna. Começaremos a partir da concepção sobre alfabetização. Segundo Alves (2009) podemos considerar:

[...] a alfabetização como o aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação, sendo definida como um processo no qual o sujeito constrói a gramática e suas variações, não se resumindo apenas à aquisição das habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas da capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento. (ALVES, 2009, p. 38)

Vejamos a fala da OP19 que é formada em pedagogia por uma instituição privada e possui 30 anos de experiência no magistério, mas exerce a função de OP somente há 4 meses. Para ela, alfabetização:





É o ato de aprender a ler e escrever, isto é, de se apropriar do sistema alfabético de escrita, decodificando os sinais gráficos na leitura, transformando em som, e, na escrita, codificando os sons da fala e transformando-os em sinais gráficos. **OP19**

Percebe-se que ela traz consigo muitos anos de experiência no magistério e a sua resposta, vai ao encontro do que afirma Alves (2009), coincidiu em partes, pois a alfabetização engloba também a interpretação, compreensão, ressignificado e produção de conhecimento. Para Alves (2009, p. 36) o processo de alfabetização é “considerado um processo permanente, que não se restringe à aprendizagem da leitura e da escrita e que tem forte influência na vida social das pessoas”. Vejamos mais algumas respostas:

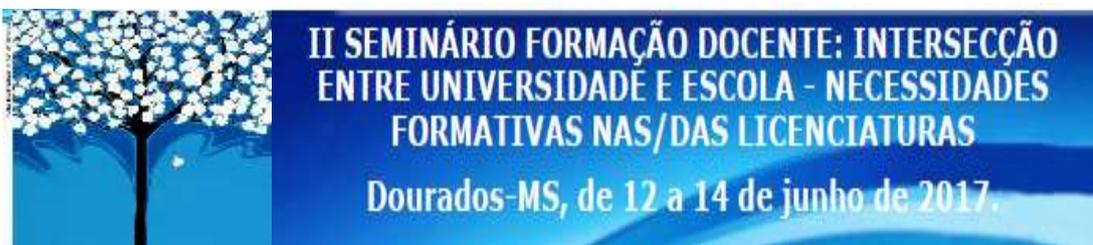
Ato de codificar e decodificar palavras e pequenos textos. Quando combinado com o letramento, permite à criança ter o conhecimento de mundo. **OP1**

A alfabetização diz respeito à aquisição da base alfabética e da escrita. O aluno é considerado alfabetizado quando consegue expor seu pensamento e compreender textos escritos através da leitura e produção textual. **OP9**

É o processo de aprender a ler e escrever, aquisição de habilidades de codificação de fonemas, domínio do sistema de escrita alfabético e ortográfico e o uso dessas habilidades para ler e escrever. **OP10**

Observa-se que para OP1 a alfabetização relaciona-se o com letramento, logo mostra o conhecimento teórico-prático de que são conceitos distintos, mas que estão interligados. Já para o OP9, se refere à aquisição da escrita, capacidade de expor o pensamento e a compreensão de textos escritos, enquanto o OP10 se prende às habilidades mecânicas.

Quando analisamos a concepção sobre letramento, percebemos que este conceito está intimamente ligado ao conceito de alfabetização, como um dos OPs citou. Nesse sentido, Soares (2004, p. 14) salienta que



Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos.

Assim, a autora entende letramento como o "desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita" (SOARES, 2004, p. 14). E diz que não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis, pois:

[...] a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

Vejamos então, algumas respostas dos OPs sobre a concepção de letramento. Para o OP3, OP10 e OP21 letramento é o:

Desenvolvimento de habilidade leitora e de escrita, de modo a permitir que o indivíduo letrado interprete textos, faça inferências, argumente, dê ideias, se posicionando a favor ou contra determinado assunto, tanto na oralidade como através da escrita. Deseja-se que o aluno seja capaz de identificar as funções de diferentes tipos de textos, entre outras. **OP3**

Uso das habilidades de ler e escrever no exercício das práticas sociais de leitura e escrita (contexto social). O letramento é indissociável ao processo de alfabetização. **OP10**

Participação nas práticas, que envolvam leitura e escrita na produção de diferentes gêneros textuais. **OP21**

É possível observar que a maior parte dos OPs tem conhecimento do que seja letramento, pois de acordo com Soares (2004), letramento nada mais é do que a "imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito" (SOARES, 2004, p. 15).



Ainda, no intuito de compreender a concepção de texto para os OP, percebemos que eles ficaram presos na ideia de que texto é somente uma produção escrita, mas alguns destacaram que é:

Tudo que transmite um significado, não sendo necessariamente constituído por palavras. Pode ser um conjunto de ideias no qual se formula conceitos, hipóteses e por fim se registra todo esse repertório em uma folha. Uma placa é um texto, um símbolo que demonstra “masculino” e “feminino”; enfim, texto é qualquer situação possível de se transmitir uma ideia, uma mensagem. **OP18**

Toda forma de comunicação através do qual se expressa uma ideia. **OP16**

Todo conteúdo que transmite uma “informação”, que constitua uma unidade de sentido, pode ser verbal ou não-verbal. **OP4**

As respostas apresentadas vão de encontro com o que diz Oliveira (2004), sobre o tema, ao afirmar que:

[...] qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita, e dotadas de características comuns – contexto em que é produzido, organização do conteúdo, a utilização de regras mais ou menos estritas, coerência interna assegurada por mecanismos enunciativos e de textualização – pode ser considerada texto. A exemplo temos um diálogo familiar, uma exposição pedagógica, um pedido de emprego, um artigo de jornal, um romance, etc (OLIVEIRA, 2004, p. 12).

Nessa mesma linhagem, Santos e Silva (2012) consideram como texto: “fábula, notícia, receitas, história em quadrinhos, entre outros, ou seja, adotamos a visão de que ao escrevermos, produzimos gêneros textuais específicos que cumprem funções comunicativas determinadas”. E, ressaltam ainda que “existem os textos não verbais, tais como quadros, figuras, gráficos, gestos, etc.” (SANTOS; SILVA, 2012, p. 1086).

Por fim, buscamos compreender a concepção de linguagem entre os OP. Na teoria de Vygotsky (2004a), a linguagem é considerada como instrumento mais complexo para viabilizar a comunicação, a vida em sociedade. Sem linguagem, o ser humano não é social, nem histórico, nem cultural, a relação entre pensamento e



linguagem é estreita. A linguagem (verbal, gestual e escrita) é nosso instrumento de relação com os outros e, por isso, é importantíssima na nossa constituição como sujeitos. Além disso, é através dela que aprendemos a pensar. É o que encontramos, também, na fala de alguns OPs:

Envolve a escrita, a fala e as artes. É uma forma do homem se apropriar e se comunicar com o mundo à sua volta. **OP1**

Forma de expressão, comunicação entre pessoas. **OP5**

É a capacidade de se comunicar com os outros através de som, palavras, gestos, sinais, etc. através da linguagem verbal ou não verbal podemos expressar sentimentos, emoções e pensamentos. **OP10**

É a forma pela qual nos comunicamos. **OP16**

Estrutura psíquica superior, que permite ao indivíduo organizar seu pensamento e ação. **OP20**

Para Vygotsky (2004b), a linguagem é, antes de tudo, social. Portanto, sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão. Essa função comunicativa está estreitamente combinada com o pensamento. A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social e, ao mesmo tempo, organiza o pensamento.

A fala do OP20 nos remete ao que diz Martins (2011, p. 47):

Graças ao desenvolvimento da linguagem, requerido pela natureza da atividade humana, superamos os limites da representação sensorial imediata da realidade, própria também aos animais, passando a representá-la cognitivamente por meio de palavras. Dessa superação resulta a possibilidade para a construção de ideias, que são, a rigor, os conteúdos do pensamento. Cabe observar que, embora a interconexão entre pensamento e linguagem seja evidente, em suas origens, eles não coincidem. A finalidade primária da linguagem é servir de meio de comunicação enquanto a finalidade do pensamento é o conhecimento e a regulação do comportamento (MARTINS, 2011, p. 47).



Em suma, alguns OPs compreendem a linguagem como uma forma de comunicação e utilizam as palavras “comunicar”, “comunicação” “competência comunicativa” “comunicamos” em suas respostas. Enquanto outros a compreendem como uma forma de expressão e utilizam as palavras “se expressar”, “expressar-se”, “expressão” e “expor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar a concepção dos OPs do município de Presidente Prudente sobre a língua materna a partir de quatro conceitos fundamentais: 1) alfabetização; 2) letramento; 3) texto; e 4) linguagem.

Apesar de todos os participantes trazerem consigo um bom tempo de experiência no magistério, serem licenciados em Pedagogia e possuírem uma especialização, suas respostas com relação a como eles compreendem alfabetização, letramento, texto e linguagem, mostram uma compreensão mais restrita no que se refere a esses quatro conceitos.

A literatura mostrou que as atribuições do OP apresentam mais aspectos pedagógicos do que administrativos e que esse profissional deve subsidiar o professor em sala de aula, assim como também é responsável pela formação continuada dos docentes. Concluímos então, que para que o OP seja capaz de promover a reflexão sobre a prática pedagógica docente, e sugerir intervenções nesse processo, ele deve estar munido de conhecimentos específicos, mas não apenas eles, inclusive sobre a língua materna. Pois, só assim ele poderá auxiliar os professores na construção de estratégias pedagógicas para o avanço dos estudantes quanto ao tema e transformar a realidade escolar superando as dificuldades e promovendo uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS





ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo: Loyola, 2001. 128p.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2003. 183p.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: Loyola, 2006. 142 p.

ALVES, Bruna Pereira. As distintas concepções acerca dos conceitos de alfabetização. **Revista Urutágua**, n. 17, dez.2008/jan./fev./mar. 2009, p. 36-39.

Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/5280/3797>> Acesso em: 11 mai. 2017.

CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Sobre importâncias: a coordenação e a co-formação na escola. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 37-50

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila)

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola - Teoria e Prática**. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2013.

MARTINS, Lígia Márcia Martins. Desenvolvimento do Psiquismo. In: **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Ana Carolina Galvão Marsiglia (Org.). Campinas: Autores Associados, 2011.



MENDES, Cíntia Cristina Teixeira; DEÁK, Simone Conceição Pereira; GOMES, Alberto Albuquerque. **Construindo uma Política de Formação para o Orientador Pedagógico da Rede Municipal de Ensino de Presidente Prudente/SP: a parceria SEDUC e UNESP.** *Rev. Ciênc. Ext.* v.3, n.2, p.70, 2007. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/112/30> Acesso em: 13 mai. 2017.

MERCADO, Elisângela. O papel do coordenador pedagógico como articulador do processo ensino e aprendizagem: reflexões sobre o conselho de classe. In: **V Encontro de Pesquisa de Alagoas**, 2010, Maceió. V EPEAL, 2010. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/O-PAPEL-DO-COORDENADOR-PEDAGOGICO-COMO-ARTICULADOR-DO-PROCESSO-ENSINO-E-APRENDIZAGEM-REFLEXOES-SO.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2017.

OLIVEIRA, Jossely Bezerra Martins de. Concepções de escrita, texto e gênero textual em relatos de aula de língua materna. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.** V. 2, n. 2, março de 2004. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_2_concepcoes_de_escrita.pdf> Acesso em: 11 mai. 2017.

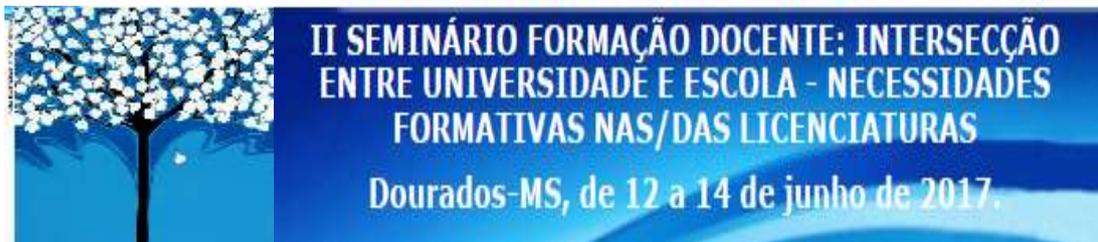
PACHECO, José Francisco de Almeida. **Contributos para a compreensão dos círculos de estudos.** Dissertação de Mestrado. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 1995. 442 p.

PARISOTTO, Ana Luzia Videira. **A formação do professor dos anos iniciais do ensino fundamental para superação do fracasso escolar:** perfil teórico-metodológico e propostas para o ensino de língua materna. Projeto de pesquisa financiado pelo CNPQ (Proc. 472024/2014). Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2014.

PARISOTTO, Ana Luzia Videira. Ensino de Língua Materna: dificuldades apresentadas pelos professores dos anos iniciais da educação fundamental. In: **Educere XII Congresso Nacional de Educação**, 2015, Curitiba. Anais do Educere XII Congresso Nacional de Educação, 2015. p. 27935-27948.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Formação de professores: o espaço de atuação do coordenador pedagógico-educacional. In: FERREIRA, Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. **Para onde vão à orientação e a supervisão educacional?** Campinas: Papyrus, 2002.

SANTOS, Graciela Silva Lopes dos; SILVA, Solimar Patriota. Produção Textual: concepção de texto, gêneros textuais e ensino. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04,



t. 1 – Anais do XVI CNLF, pág. 1086, 2012. Disponível em:
<http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/096.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2017.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan/fev/mar/abr 2004, p. 5-17. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em: 11 mai. 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.



Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas
Educativas e Formação de Professores